

O exercício especulativo na composição de uma Terra equívoca

João Victor de Almeida Consoli

Mestrando em Filosofia na PUC-Rio

Bolsista da CAPES

17

<http://lattes.cnpq.br/7087018296404332>

jonconsoli27@gmail.com

A autora Isabelle Stengers trata acerca do conceito de Cosmopolítica a partir da ideia de uma série de suspensões. Como podemos produzirativamente um ambiente que permita um diálogo entre diferenças? Ou ainda, para citar o slogan do movimento Zapatista, o que está em jogo quando falamos sobre a composição de um mundo onde caibam muitos mundos? Para tal, o projeto cosmopolítico funciona em um regime especulativo de confiança e responsabilidade, onde cada personagem tece, desfaz, recupera formas de viver e morrer graças aos outros e se arriscando pelos outros (Jensen; Thorsen, 2018, p. 18).

Em relação à Cosmopolítica de Stengers, a autora Donna Haraway nos apresenta o conceito de *SF* que, para ela, também representa uma cosmopolítica carnuda (Haraway, 2023, p. 29). Mas ainda, o exercício ficcional-fabulativo do *SF* também fala sobre a concepção dos mundos, da contação de geoestórias (Haraway, 2023, p. 75) e da terraformação dos mundos a partir das coletividades que os compõem. Ambos os exercícios de composição partem do exercício especulativo como um experimento de pensamento que inscreve nossas práticas no mundo.

Também, de acordo com a autora Annemarie Mol “a realidade não precede as práticas mundanas nas quais interagimos com ela, mas é, ao contrário, moldada dentro dessas práticas” (Mol, p. 75, 1999). Dessa maneira, fica claro que existe uma relação direta com as práticas daqueles que estão formando os mundos e os mundos que estão sendo formados por eles. Podemos entender que para que haja a composição e o diálogo entre mundos, é necessário que haja um exercício de especulação e ficcionalização entre eles. Se os Mundos são criados e desfeitos de maneira ativa, então é necessário que haja uma espécie de política ontológica que diga o que existe e o que deixa de existir.

Assim, para pensar uma Terra que está em variação e em perpétua transformação (Maniglier, 2023, p. 93), devemos pensar uma Terra, ou terras, que estão em processo de constante terraformação pelas coletividades complexas que a compõem. E que ao mesmo tempo, por mais que a Terra seja o terreno obrigatório de encontro (Maniglier, 2023, p. 91) entre suas diferentes variações, esse encontro só é possível de aparecer a partir do excesso (De la Cadena, 2024, p. 64) que compõe suas variações geontológicas (Povinelli, 2023).

Palavras-chave: Ficção. Política ontológica. Filosofia da ciência. STS. Pluralismo ontológico.

Bibliografia

DE LA CADENA, M. *Seres-terra. Cosmopolíticas em mundos andinos*. Tradução de Caroline Nogueira e Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

JENSEN, C. B; THORSEN, L. M. *Reclaiming Imagination: Speculative SF as an Art of Consequences. An Interview with Isabelle Stengers*. NatureCulture, 2018. Disponível em: <<https://www.natcult.net/interviews/reclaiming-imagination-speculative-sf-as-an-art-of-consequences/>>.

MANIGLIER, P. Quantas Terras? In: VIVEIROS DE CASTRO, E; SALDANHA, R. M; DANOWSKY, D. *Os mil nomes de Gaia*: Volume 2. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2023.

MOL, A. Ontological Politics. A Word and Some Questions. *The Sociological Review*, 47, p. 74-89, 1999.

POVINELLI, E. A. *Geontologias - Um réquiem para o liberalismo tardio*. São Paulo: Ubu Editora, 2023, p. 304.